



ROGER E WALTER

Novamente fui ao show (que começou pontualmente as 21 horas) de Roger Waters no estádio do Morumbi, na última terça-feira 03 de Abril. Desta vez levei meu filho Igor e minha esposa Celma, pois da primeira vez que fui, em 2007, prometi que os levaria, pois os shows são simplesmente fantásticos e jamais nos esquecemos, ainda mais que a turnê desta vez era sobre o álbum “*The Wall*”, obra superlativa do Pink Floyd, a maior banda de rock progressivo de todos os tempos.

Não se preocupem se confundirem Roger Waters e David Gilmour com o Pink Floyd, pode ser a mesma coisa, suas histórias são meio complicadas pois cada uma intercala com a outra, mas tudo tem a conexão entre si e se perdem no tempo. O mesmo que dizer como antigamente o mundo se referia aos soviéticos apenas como russos.

O estádio estava lotado, com 50.900 pessoas, em plena terça-feira. Na primeira apresentação no domingo anterior a lotação foi de 70.000 pessoas e todos ficaram encantados com as músicas, os efeitos de luzes e aos homenagens prestadas. Mesmo aqueles que não são tão fãs do Pink Floyd se emocionaram com a realidade do show (como pude acompanhar pela internet). Exemplo claro foi de minha esposa que não tinha tanta paixão pelas músicas e quando acabou o show não queria mais sair do estádio... até dançou a música “*Run Like Hell*”, além – claro – de comprar uma camiseta de lembrança. (Isto porque ela não gostava). Meu filho, como todos os adolescentes adorou, mas fica na dele, não dá o “braço a torcer”. Ficou fascinado pelo realismo dos helicópteros e aviões que aparentam estar invadindo o estádio e nos atacando, além da metralhadora que Waters usou para metralhar o público. Tudo ficção – ficção apaixonada. Gostou também das “furadas” dos bêbados que estavam ao nosso lado nas arquibancadas. E para completar disse “o Roger e o Walter”. E assim ficou sendo quando nos perguntam do show do Roger Waters ele sempre diz “do Roger e Walter?”. Me sinto feliz realmente por ter proporcionado este espetáculo a minha família. Infelizmente não pude levar minha filha, pois sua idade ainda não permite o acesso. Ela – claro – ficou muito chateada, mas já passou.

No show, *The Wall* tudo é imenso, começando pelo muro o qual é construído tijolo a tijolo, a exemplo do show realizado em Berlin em 1990, mesmo com o avião que se espatifa no muro saindo de um dos lados do estádio – espetacular e ricamente real. O porco inflável que flutua por cima da platéia – na música “*In the Flesh*” - com frases de críticas aos governantes e guerras inúteis e, acima de tudo o incrível aparato sonoro e efeitos visuais que a banda utiliza, faz realmente o público ir a loucura. Um dos principais momentos do show são quando o aparato sonoro instalado por todo o estádio, durante a música “*The Happiest Days of Our Lives*” são tão realistas que todos olham para trás a procura dos helicópteros.

The Wall é tão grandioso e surpreendente que vendeu cerca de 30 milhões de cópias e cada habitante deste planeta conhece ao menos uma música do álbum “*Another Brick in the Wall*” ou mesmo “*Mother*” e também “*Run Like Hell*”.

Ao final da tríade “*Another Brick in the Wall (Part 1)*, *The Happiest Days of Our Lives* e *Another Brick in the Wall (Part 2)*”, o vocalista Roger Waters canta versos para Jean



Charles de Menezes, o brasileiro morto no metrô de Londres em 2005 por engano pela polícia, e ao final dedica o show ao brasileiro e a sua família, bem como a todos as personalidades mortas em conflitos por guerrilha de estado, assim como seu pai Eric Waters que morreu durante a Segunda Guerra Mundial.

Toda a apresentação é louvável de uma grande ópera, uma ópera sem igual e nunca perde a face de crítica e mensagens políticas, que infelizmente nos esquecemos e deixamos os governos tomarem conta de nossas vidas, e só nos lembramos quando há um show destes. Como diz um verso da música “*Mother*”, (mãe eu devo confiar no governo?) – “*mother should I trust the government?*” é cantado a expressão “nem fudendo aparece no telão, construído por 424 tijolos reciclados após o uso, com 137 metros de largura e 11 de altura.

O “*The Wall*” é estrondosamente absurdo e mostra o tamanho que o Pink Floyd ganhou durante as décadas de vida, a banda é ainda admirada por todas as gerações e ainda guardam a expectativa de que Waters e Gilmour toquem juntos em nova turnê, como aconteceu em maio de 2011 em Londres.

Quando o show chega ao final o muro construído tijolo por tijolo é destruído em um só movimento e Waters e seus músicos voltam ao palco para agradecer a todos e terminam o show com “*Outside the Wall*”. O público quer mais e mesmo minha esposa pergunta “já terminou?”. Infelizmente já, poderia ter biz, mas...

O álbum “The Wall” apresentado na íntegra conta com as músicas: Primeira parte: *In the Flesh?, The Thin Ice, Another Brick in the Wall (Part 1), The Happiest Days of Our Lives, Another Brick in the Wall (Part 2), Mother, Goodbye Blue Sky, Empty Spaces, What Shall We Do Now?, Young Lust, One of My Turns, Don't Leave Me Now, Another Brick in the Wall (Part 3), The Last Few Bricks, Goodbye Cruel Word*. Segunda Parte: *Hey You, Is There Anybody Out There?, Nobody Home, Vera, Bring the Boys Back Home, Comfortably Numb, The Show Must Go On, In the Flesh, Run Like Hell, Waiting for the Worms, Stop, The Trial, Outside the Wall*.

O Pink Floyd é fantástico realmente e como pude ver em alguns blogs as outras bandas vão ter que ralar muito para chegar ao nível do Pink Floyd, de Waters e Gilmour. Além de tudo a qualidade das imagens apresentadas no telão (aqui muro) são incríveis e são muito melhores que em nossas televisões de LED. Pareciam reais e que contagiavam o público. Realmente são incríveis. Não consigo achar as palavras certas para descrever os efeitos utilizados por Waters para impressionar a platéia.

Realmente, como Waters diz “os discos do Pink Floyd não são apenas música, mas sim obras de arte”.

Walter Veroneze

07.04.2012